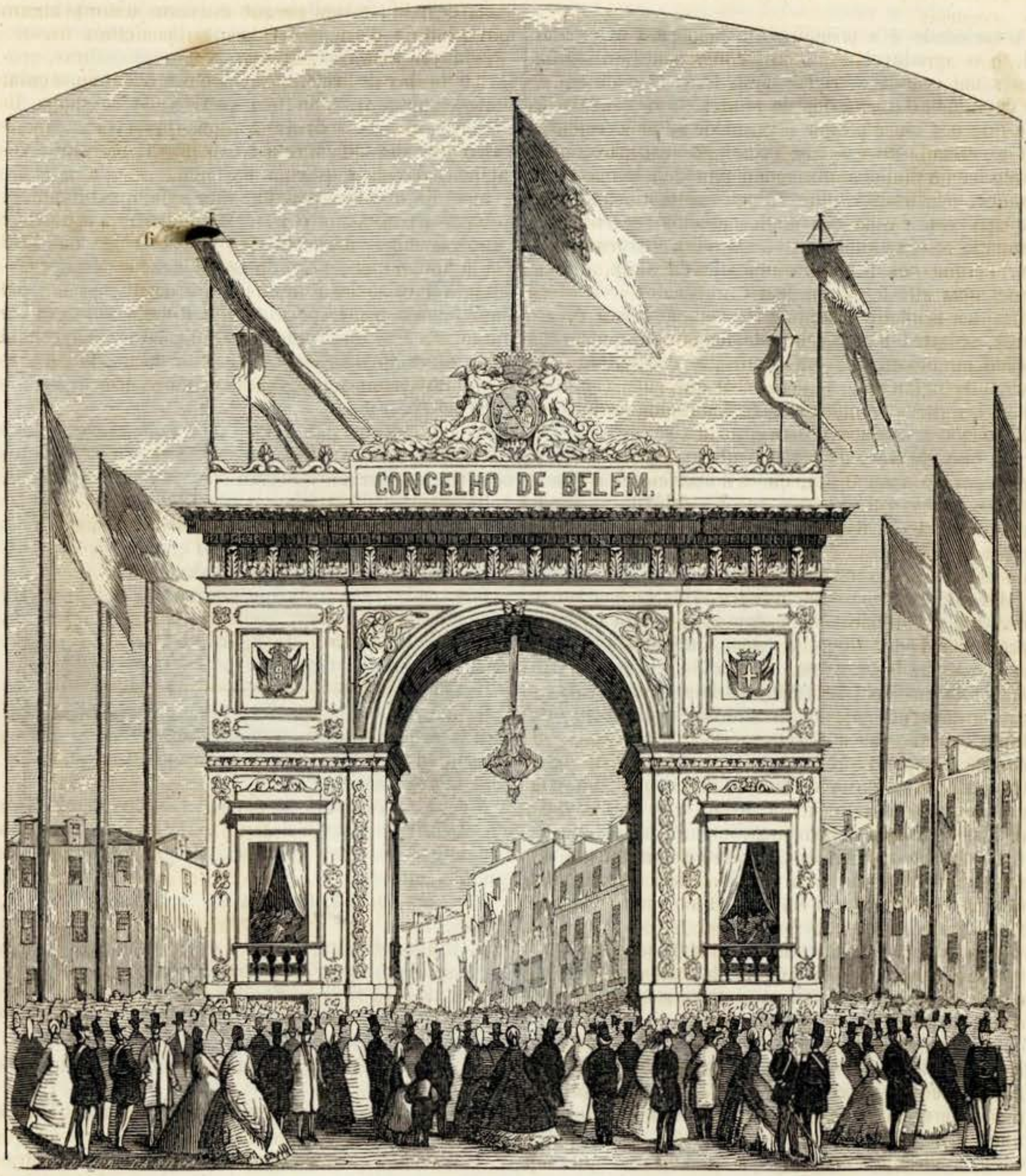


Arco levantado pela camara municipal de Belem, ás portas de Alcantara — Desenho de Nogueira da Silva

A camara municipal de Belem, para cujo concelho S. M. El-Rei transferiu a sua residencia (palacio da Ajuda [1]), solemnisou dignamente o real consorcio, mandando erigir ás portas d'Alcantara, onde começa o novo municipio, um grandioso arco triumphal, que em todas as noites dos festejos nupciaes se illuminou a gaz, com maravilhosa profusão.

É este monumento que a nossa estampa representa.

Tem 16 metros de altura, e 11 desde a base até ao fecho do arco, que é de 6 metros de largura.

A volta da cimalha é cercada de escudos com as iniciaes dos nomes dos augustos consortes. No attico, e dentro de um retabulo sustido por dois genios, lê-se:

CONCELHO DE BELEM.

Remata o monumento com as novas armas d'este moderno concelho, que se compõem de um escudo partido em pala: na direita está figurado a torre e praia de Belem, com os galeões que foram ao descobrimento da India; na esquerda o busto de Vasco da Gama, e sobre o escudo uma coroa de conde.

Aos lados do arco abriram-se duas tribunas para coreto das musicas que alli tocaram todas as noites.

Estas tribunas foram occupadas pelas orphãs do asylo da Ajuda, na occasião da passagem dos reaes conjuges, sobre os quaes espargiram flores, victoriando-os com alegria, ao som das musicas e acclamações do povo alli reunido.

O projecto e a direcção d'este bello arco foi confiada ao sr. Valentim José Corrêa. A pintura aos srs. Antonio José da Rocha, Candido José Xavier e Gualdino Agostinho Candido de Barros.

[1] Vid. a estampa e artigo dos nossos numeros 27 e 28 do vol. v.

LEITURAS FAMILIARES

IV

A variedade é a primeira condição para o agradavel, e o agradavel é tão util como o util, disse ha mezes um grande escriptor n'um livro que ahi anda, ou deve andar, nas mãos de todos: *Os Miseraveis*. E elle que o disse é porque é verdade. Se não vejamos.

Em nossa alma ha trez principios distinctos, mas estreitamente unidos, formando um todo harmonico: o sentir, o pensar, e querer. Que são distinctos vê-se por apresentar cada um d'elles effeitos separados, e nem sempre concordes entre si; são estreitamente unidos, porque constituem a unidade da alma, que a consciencia attesta e ninguem contesta.

Ora ao primeiro d'aquelles principios, isto é, ao sentir, se attribuem geralmente todos os impulsos de agrado ou desagrado, em tanto que dos outros dois partem as opiniões e as acções. O que se encaminha a bem dirigir as opiniões e as acções reputa-se e diz-se util; o que procura o nosso gosto diz-se agradavel.

E é bem de ver, pois que o util e o agradavel são meios para o mesmo fim, que é o aperfeiçoar a alma, e meios que vão a par, que se não substituem um a outro, e cada um dos quaes é indispensavel por isso mesmo.

A demonstração levou-me mais longe do que me bastava, deu-me indispensavel por util. Não perde por isso. O que se póde fazer é dar outra fórma ao pensamento de Victor Hugo, e dizer: o agradavel e o util são coisas indispensaveis na vida. Fiquemos n'isto que é exacto. Nós não queremos bem ao sol da primavera mais porque nos amadurece o trigo do que porque nos abre as flores.

E até ha quem prefira um jardim a um celleiro. Não é por estes que vem mal ao mundo. Por um dos taes não me tenho eu, ainda assim; mas sempre digo que leio com mais folego um romance do que um livro de economia. E mais gosto da economia... até da politica. Da domestica sobre tudo. Faz-me lembrar a mulher, e a lembrança da mulher é sempre agradavel. A mim de certo.

Verdade seja que ás vezes apparecem algumas com acções tão vis, tão inferiores a ellas mesmas, que se tornam de todo despreziveis. As intriguistas, por exemplo. São bichos damninhos a que se devia de fazer montaria como aos lobos, porque o desprezo é arma que as não fere. Riem-se d'elle, como já riram da sua dignidade e da sua consciencia. E o mal que podem fazer sempre o fazem, e é este que se devia estorvar.

Uma mulher casquilha não gosto d'ella, a pretenciosa faz-me rir, a namoradeira desculpo-a, a deshonesta dá-me nojo; mas a intriguista... essa abomino-a, detesto-a, e fulminava-a se podesse!

Porque realmente não sei de coisa mais prejudicial do que uma intriga. Produz nada menos do que uma guerra de morte com os olhos fechados, guerra onde se acham contrarios os melhores amigos, onde se despedaçam os que mais se estimam, e todos na melhor boa fé, todos com razão da sua parte, porque todos estão enganados. Ha peior do que isto? Eu não conheço.

Diz Silvio Pelico, que a maior parte das vezes os homens se aborrecem porque se não conhecem. Diz a verdade. Pois não ha nada que mais afaste os homens do que a intriga, e longe uns dos outros é que se não podem elles conhecer.

E quando digo homens digo o genero humano, pois que a fallar de especie, mais tinha que dizer a esse respeito da especie — mulher. O homem é quasi sempre mais prudente, quer dizer, mais instruido e mais cauteloso, d'onde vem que dá duas voltas ás coisas antes de as engolir, o que na mulher ou não se dá ou é mais raro. Isto não será bonito dizer-se, e haverá quem não goste de o ver escripto, mas é verdadeiro. Vejam e attendam. Maior ou menor, cada homem tem a sua bossa de philosopho; quer pensar antes de crer: a mulher não é assim; o seu primeiro movimento é de acreditar quanto lhe dizem.

Pelo que a intriga, que só avança ás escuras, procura a mulher de preferencia. Acha-se alli em sua casa, sente-se agasalhada e bem querida, não desaloja facilmente. E depois dá-lhe o pago. Que é como os corvos a intriga: tão ingrata como negra. E, como Prometheu, devora a quem a sustenta.

Já é discurso demasiado sobre assumpto tão baixo. Deixemos parlendas, e tratemos de matar a intriga de outra maneira. Oiçam um caso succedido ha dois dias.

Um amigo meu, moço de grandes dotes e boas prendas, visitava-se com uma familia de distincção, que lhe conhecia o merecimento e por elle o estimava em muito. É elle um caracter de diamante: tanto tem de puro como de rijo. Tinha por isso muito estreito o circulo de suas relações, e a mór parte do tempo vivia só comsigo.

Aquella mesma familia, com ser-lhe sinceramente affeiçoado, raras vezes a procurava, e sempre a horas de cortezia, com muitas ceremonias e pequena demora.

Havia mãe, duas filhas e um filho.

A filha mais velha tocava os vinte annos, era bella e graciosa não menos de espirito que de feições. Chamemos-lhe Julia, que é nome consagrado.

Elle póde ficar... o que quizerem, Adelino, por exemplo.

Menina linda de vinte annos, e moço de vinte e cinco, conclusão: amor.

É naturalissimo.

E o certo é que a ponto chegaram as coisas, que nem elles já se podiam disfarçar, nem tambem tinham vontade d'isso. Não lhes era vergonha o seu amor, para que encobril-o?

Note-se, porém, que só os olhos tinham fallado, além d'essas mil pequenas coisas de entre amantes, que são insignificancias para todos, mas linguagem clara para quem a entende.

Adelino, um dia, fallou a sós com a mãe de Julia, e disse-lhe:

— Minha senhora, v. exc. sabe quem eu sou e o que sou; peço-lhe a mão de sua filha.

E a mãe de Julia respondeu-lhe:

— É meu gosto; sabe se é tambem o de minha filha?

— Não, minha senhora.

— Estimo-lhe a acção. Eu a consultarei, e ámanhã terá resposta.

Adelino retirou-se contente e esperançado. Voltou no dia seguinte, e houve este dialogo:

— Consultei hontem minha filha, e deu-me resposta que eu não esperava. Agradece muito o seu obsequio, mas diz que o não póde acceitar.

Adelino tremeu e descorou. Por um instante ficou mudo e pasmado. Depois ergueu-se, tomou o chapeo e cortejou para sair.

— Não tem nada a dizer, sr. Adelino?

— Absolutamente nada, minha senhora.

— Que direi a minha filha se me perguntar como v. s. recebeu a sua resposta?

— Diga-lhe que se esqueça de que houve um homem... diga-lhe que a esquecerei, que saberei resignar-me... diga-lhe tudo o que v. exc. quizer, menos que a amo como um louco, e que nunca mais tornarei a amar ninguem. Peço licença para retirar-me.

Saiu, e era tempo. Um minuto mais n'aquella casa caía infallivelmente. O ar livre fez-lhe bem. Foi andando, andando, e tão tomado de si mesmo, que não atinava por onde nem para onde ia. O instincto levou-o a casa. Entrou machinalmente, por habito fechou a porta, e foi sentar-se á mesa, murmurando:

— mulheres não valem o que custam; são tolas ou indignas!

Entretanto Julia tinha perguntado á mãe:

— E elle?

— Disse que se havia de accommodar, que se esqueceria de ti.

— O que é o amor dos homens, minha mãe! — exclamou Julia debulhada em lagrimas.

— Pois que querias tu que elle dissesse, minha filha? A culpa foi tua.

— Sería, minha mãe. Os homèns nunca nos comprehendem.

Vinte e quatro horas depois Julia jazia na cama ardendo em febre. O medico fallou em sarampo, em bexigas, e a final capitulou em sesões.

Passou um dia, passaram dois, e entrou o terceiro sem a febre despegar. A pobre menina definhava a olhos vista. Quando lhe perguntavam o que tinha não dizia nada, só á mãe respondeu uma vez:

— Se eu morrer, não diga a *ninguem* que morro de paixão.

A mãe assustou-se, e n'esse mesmo dia Adelino recebeu recado de ir visital-a.

O primeiro pensamento foi de partir logo. Estorvou-lh'o o orgulho, e vacillou. Era funda e recente a ferida que o magoava.

Luctou duas horas, e n'essas duas horas passou-lhe todo na memoria o passado e o futuro: o passado como lhe tinha sido, o futuro como o tinha concebido. Era um tronco secco onde rebentára uma flor de esperança que a mão de uma mulher tinha arrancado.

Mas essa mão não podia elle amaldiçoal-a, essa mão era-lhe querida mais do que a propria vida, essa mão parecia chamal-o, e elle não podia resistir-lhe.

Que tormento que soffreu n'essas duas horas!

O coração dizia-lhe: vôa; o orgulho bradava-lhe: fica. O dever desempatou. Uma desfeita não se faz a ninguem, muito menos a uma senhora.

Foi.

— Sabe para que o chamei?

— V. exc. o dirá.

— Minha filha está para morrer!...

— Ah!

— Não o sabia?

— Nem o estimei saber, minha senhora.

— E eu chamei-o para salval-a.

O orgulho cedeu. Adelino sentiu reviver-lhe o coração, sentiu-se grande como um deus, e disse ousado:

— Está salva, minha senhora.

Retirou-se a mãe radiante de jubilo, e entrou no quarto da filha.

Julia tinha a respiração curta e os olhos fechados. A mãe aproximou-se do leito e deu-lhe um beijo na testa.

Estremeceu ella e abriu os olhos.

— Como estás, minha filha?

— Melhor, minha mãe. Tive agora um sonho que me deu vida. *Elle* mandou saber de mim?

— Mandou.

— Meu Deus! E que lhe disseram?

— A verdade, que estavas mal.

— Mas não é assim, minha mãe; já estou boa, já não tenho nada. Quer ver?

Effectivamente as mãos e a testa começavam a humedecer, os olhos iam tomando a luz natural, os labios estavam rosados e frescos.

— Então que é isto, menina? Que mudança foi esta?

— Nem eu sei, minha mãe. Foi um milagre. Quando agora adormeci, sonhei que o via ao pé de mim, que elle me perdoava, que tornava a ser meu amigo. Sonhei isto, minha mãe, e acordei boa.

A doente suspendeu-se como se lhe faltasse o folego. Fitou os olhos na mãe, apertou-lhe a mão e continuou:

— Oh! meu Deus! meu Deus! Se isto assim não fosse... eu não lhe resistia, minha mãe, morria de certo. Quem me dera vel-o, quem me dera...

N'isto abriu-se a porta, e um homem veiu caír ao pé da cama.

Julia soltou um grito e desmaiou.

Tres dias depois erguia-se da cama, e aos seis estava restabelecida.

Mais tarde achavam-se os dois sentados a par n'um quarto de lavor. Era quasi sol posto, hora de encanto para conversações intimas. E Julia dizia:

— Para que sabel-o, meu amigo, se já passou?

— Porque a passagem foi terrivel, e desejava saber o que nos ia perdendo a ambos.

— Pois tambem soffreu?!...

— Immenso, minha Julia. Deixas-me assim chamar-te?

Julia fez-se carmim. Olhou de roda e murmurou:

— Deixo.

Por um impulso espontaneo e irresistivel, Adelino curvou o joelho e beijou-lhe a mão. E acrescentou:

— Fazes-me agora a vontade, dizes-me porque déste aquella resposta a tua mãe?

Julia pensou alguns segundos, e depois, fazendo um gesto de cabeça, respondeu em voz rapida e commovida:

— Custa-me muito, mas não posso recusar. N'aquelle dia tinha recebido uma carta anonyma com tantas e taes coisas, que me ficou a cabeça perdida. Não lh'a mostro, porque a rasguei logo de indignada que estava. Agora tenho pena. Trazia, entre outras, estas palavras, que inda hoje me atormentam quando as recordo, apesar de as não crer:

«Esse homem que a corteja é um vilão que a atraiçôa, porque está compromettido em honra e amor com outra mulher. Quem a avisa é amiga sua, e tambem victima d'elle. Creia-me e despreze-o.»

Ainda não havia uma hora que tinha lido essa carta, quando minha mãe me fallou. Não pude dar outra resposta.

Adelino não me entendeu, e nem talvez podesse entender. Faço idéa do conceito que então fez de mim. Eu esperava uma palavra, e essa palavra não veiu. Ambos nos enganámos. E ainda bem que foi uma nuvem negra que passou. Não fallemos mais n'isto, sim?

Ora pois. Casos assim e variados ha por ahi aos milheiros. Cautela com elles. Quando nos vierem contar coisas dos outros, sem nós as perguntarmos, fiquemos logo de pé atraz. E se mal for o que nos disserem, com mais razão. Quem diz mal dos outros, em regra, tem mau caracter, e de um mau caracter não se póde esperar a verdade. De má fonte má agua, de mau estomago mau halito. A verdade é como a virtude: ambas filhas da pureza. O mais seguro é pedir provas de tudo. Nas coisas d'este mundo é ver para acreditar. E assim mesmo nos acharemos enganados muita vez.

E se uma intriga nos enredar, que faremos?

Não lhe dar importancia, que ella cairá por si. Não lhe fugir, nem sequer parar, se temos a consciencia de que trilhâmos o caminho recto.

Com os cobardes mostrar medo é morrer. E a intriga é cobarde. Os vis não merecem attenção, e a intriga é vil. Arredal-a com o pé se nos tem o passo, e ir adiante.

J. Simões Ferreira.

Perdem-se os navios no mar como as republicas na terra. Nenhuma republica se perdeu subitamente e de uma vez. O primeiro naufragio é o do governo, o segundo e ultimo o da republica.

P. Antonio Vieira.

COMO SE DEVE FAZER O BEM

CONTO ORIENTAL

(Conclusão. Vid. pag. 258)

IV

Dominado por tão sinistra idéa, Hassan dirigiu-se com disfarce para casa de Hulkem; perguntou por elle, e disseram-lhe que estava ausente. Ia seguir o caminho com o fim de encontrar o seu rival, a quem esperavam de um momento para o outro; deteve-se, porém, ante uma singela casa de pobre apparencia. Mais que a simples casa, captivára-lhe a attenção a presença de uma joven que, sentada em um banco proximo, contemplava algumas bellissimas flores, presas em um vaso de tão bom gosto como singelo. Hassan admirou a formosura d'aquella menina; acalmou-se-lhe a colera; esqueceu Hulkem, e só viu a innocente Zulina, que, ao distinguil-o, dirigiu-se para elle, dizendo-lhe:

— Moço estrangeiro, entrae, se vos apraz, em nossa pobre morada; meu pae está ausente, mas eu aprendi d'elle a receber os hospedes, e saberei honral-o.

A seductora Zulina mandou vir frutas e leite, e convidou o estrangeiro a acceitar aquella frugal refeição. Um instante depois tomou a lyra, e juntando a sua voz doce e melodiosa aos harmoniosos accordes do instrumento, fez experimentar a Hassan um prazer que lhe era inteiramente desconhecido.

— Celestial formosura! — exclamava Hassan. — És creatura humana, ou anjo mensageiro do bem e do amor?

Hassan quiz corresponder tão lisongeiro recebimento, e cantou com sentida e vibrante voz algumas canções arabes.

O sol ia occultar-se nas visinhas montanhas, quando pelo caminho se distinguiu um venerando ancião.

— Meu pae! — exclamou Zulina correndo a abraçal-o.

O ancião beijou na fronte sua filha, apertou a mão do estrangeiro, e perguntou-lhe o nome, que Hassan occultou com o de Nadir.

— E que te conduz ao meu pobre albergue? — lhe perguntou o ancião.

— O desejo de observar propriamente se Hulkem merece a gloria e os sobrenomes de justo, bom, sabio, generoso e modesto, que lhe dá o povo; e se é com effeito o melhor dos homens.

— Assim o julgam todos — respondeu o ancião: — mas eu...

— Tu não o acreditas? — apressou-se em perguntar Hassan.

— Tenho grandes razões para estar descontente com Hulkem.

— Tu não o julgas tão sabio, tão bom, tão justo e generoso como o julga o povo?

— Livre-me Deus de cair n'esse erro.

— Elle te abençõe — acrescentou Hassan. — É immensa a minha alegria por ter encontrado homem que pensa como eu a respeito de Hulkem!

— Vem — disse o ancião — visto que pensâmos do mesmo modo, devemos ser amigos; vem commigo para a minha cabana; nada encontrarás, certamente, de luxo e magnificencia; mas tudo o que ha n'ella é teu... Desejára eu por este preço reparar todo o mal que parece te fez Hulkem!

— Tudo o que possues é meu?

— De certo que sim.

— Se eu me atrevesse...

— Pede, e não hesites.

— Tua filha...

— Como?

— Tua filha para minha esposa.

— Não me comprehendeste, meu amigo — interrompeu o ancião; — pedes-me o seu coração, e esse não me pertence.

— Ah! meu pae! — exclamou Zulina, abraçando o bom velho — quem poderá possuil-o melhor do que tu?

— Sim, minha filha; teu coração é sem duvida meu; porém é o coração de filha, e Nadir pede-me o coração de amante; que dizes, Zulina?

A formosa joven fitou os olhos nas flores; um ligeiro carmim lhe subiu ás faces, e com voz mal segura respondeu:

— Ainda não conheço este estrangeiro...

— Eu sou Hassan, o rival de Hulkem... Perdoae-me se com este nome...

— Hassan! — repetiu Zulina — o benefico e magnanimo Hassan?... Dizia-m'o o coração, meu pae — acrescentou dirigindo-se para o ancião, e retirou-se ao seu quarto.

— Homem generoso, — disse o pae de Zulina — dou graças ao ceo, que te guiou até á minha humilde cabana, e apraz-me que dediques o teu amor a minha adorada filha.

Mas de subito deixou de fallar; contemplou o mancebo com attenção, e depois guardou silencio alguns momentos. Hassan esperava com respeitosa humildade; nada vira até alli tão nobre e magestoso como a cabeça d'aquelle venerando ancião.

Este continuou:

— Não devo enganar-te, poderoso Hassan; tens um temivel rival!

Hassan empallideceu.

— Um rival! E quem é?

— Hulkem.

— Hulkem! Hulkem! Sempre esse homem no meu caminho! Se vou para fazer um bem, elle o tem feito antes; se principio uma acção generosa, elle acaba-a; se desejo alguma coisa, elle a possue; o seu nome está em todos os labios e em todos os corações, e o meu apenas é citado; em fim, eu adoro Zulina sobre todas as coisas d'este mundo, e elle, justamente elle, é o meu rival. Estou decidido: é mister que esse homem morra ás minhas mãos!

— E eu vou proporcionar-te meios de cumprir a tua vingança — acrescentou o velho; — Hulkem vae todas as manhãs ao bosque visinho orar pela felicidade dos homens; n'esse momento podes satisfazer o teu justo furor.

— Vae resar por seus similhantes! — exclamou Hassan com visivel commoção, e depois de um momento continuou: — Não importa; é meu rival; não posso perdoar-lhe... Queres indicar-me o sitio onde vae todos os dias?

O velho conduziu Hassan ao bosque, e mostrou-lhe uma pequena eminencia cercada de arvores.

Hassan passou o dia na cabana do ancião; esteve agitado, inquieto e distrahido; nem as palavras de amor e conforto do pae de Zulina, nem os cantos d'esta poderam fazer assomar-lhe um sorriso aos pallidos labios. O silencio da noite fez muito mais penoso o tormento que durante o dia sentíra no fundo d'alma. Antes do alvorecer deixou o leito; e por largo tempo esteve vacillante entre o bem e o mal, porém em fim o mal venceu.

— Não, não póde haver piedade para esse miseravel! — exclamou; e armando-se de um punhal, saiu da cabana, onde não estavam já nem Zulina nem seu pae.

— Sou digno de lastima! — murmurava ao dirigir-se para o bosque.

Chegou por fim: procurou o sitio designado para o fatal delicto, e n'elle encontrou um ancião, que, prostrado em terra, parecia profundamente absorto nas suas orações.

— Não, — exclamou Hassan ao vêl-o, — não mor-

rerá Hulkem! Longe de mim a arma homicida; uma vez ao menos quero vencer-te em generosidade: seja Zulina tua esposa; eu não a desejo á custa de um crime.

N'aquelle momento Zulina saíu de entre o arvoredo, e o ancião ergueu-se.

Qual seria o asombro de Hassan ao conhecer em Hulkem o homem generoso que lhe deu hospitalidade?...

— Minha filha é tua! — disse Hulkem chorando de prazer; esta prova que te impuz convenceu-me de que o teu coração é mais generoso do que tu proprio julgas... Meus filhos, que o anjo da paz abrigue eternamente em suas brancas azas o templo do vosso amor!

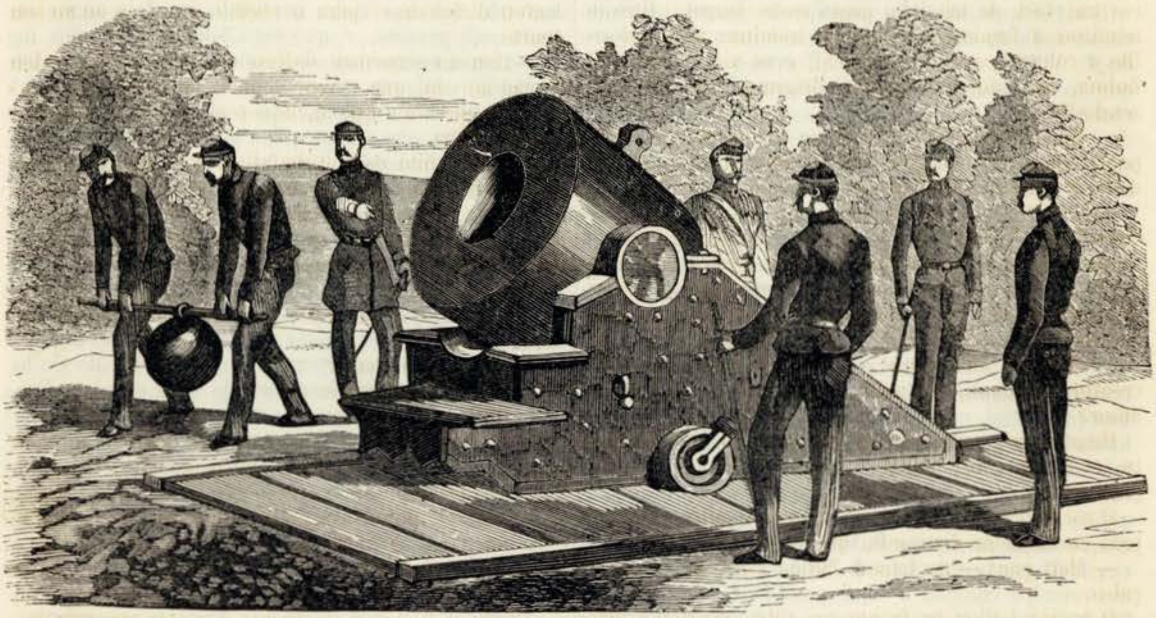
— Hulkem, Hulkem! — exclamava Hassan, — não, não devo admittir a tua generosidade... Quiz ser teu assassino... Ainda que tu me perdões, eu não posso perdoar-me!

— Duvidas da bondade de meu pae? — repetiu Zulina. — Havias de ser tu o unico mortal para quem o seu coração não fosse grande e magnanimo?...

— Faze ditosa minha filha! — acrescentou Hulkem. — Dou-t'a, porque só tu és digno do seu amor.

— Agora comprehendo, — disse Hassan. — porque nenhuma das minhas boas acções podia dar-me essa felicidade que tu gozavas: tu amas os homens, e eu só estava namorado de mim proprio. Grande cegueira! Imitar-te-hei, pois, de hoje em diante, e serei feliz.

A.



Morteiro monstruoso

Aonde irão parar as invenções do engenho bellico dos americanos n'esta guerra de exterminio em que luctam ha tanto tempo?

Não bastavam os vapores couraçados de laminas de aço, as canhoneiras submarinas, as peças de Armstrong e de Whitworth, que alcançam 8.000 metros; agora publicam os jornaes um novo instrumento de espantosa destruição forjado pelos americanos do norte. São uns montruosos morteiros, cujas bombas, onde caírem, é como se desabasse uma montanha!

Chamam os americanos a estas novas bocas de fogo morteiros de 13 *inch*, isto é, de 13 polegadas ou 33 centimetros de diametro. Pesa cada um 350 arrobas, fóra o reparo, e lançam bombas de 8 arrobas. Foram feitos estes morteiros para ir bombear Mobile e o forte Darling.

Não obstante os jornaes estrangeiros dizerem que nunca se tinham visto morteiros de tamanho calibre, no nosso arsenal do exercito ha dois morteiros de 15 pollegadas, ou 41 centimetros, ambos de bronze, e fundidos no tempo do marquez de Pombal, com a data de 1776. Daremos tambem um desenho d'elles.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

II

(Vid. pag. 260)

Tinha-se diffundido tanto o christianismo no Japão desde o anno de 1551, em que de lá partira o santo fundador d'aquella egreja, que já no anno de 1582 havia em todo o Japão perto de setecentos mil catholicos, mais de cincoenta casas de jesuitas, e muitas mais egrejas ou capellas, dois seminarios, um em Vozaca, outro em Arima. Só na provincia de Arima, em 1554, orçava já por mais de mil e quinhentos o numero dos japões baptisados antes de lá terem ido os missionarios, devido isso aos indigenas convertidos, que de neophytos se tornaram em zelosos cathechistas. Os reis todos do Japão pediam á competencia a amizade dos portuguezes; e levados da cobiça do lucro que esperavam do commercio com elles, recebiam de bom rosto os missionarios, e os deixavam prégar a seus povos a nova lei, que alguns, aos quaes todos se avantajou o de Bungo, até favoreceram ás mãos largas. Entre outros meios, porém, de que se serviu a Providencia para attrahir os japões ao pendão da cruz, e arrebanhal-os no redil de Christo, além dos milagres que obrou por meio do santo Xavier, foi um dos mais efficazes a conversão de alguns bonzos, que levaram após de si muitos de seus conterraneos. Citaremos só a de Saquaygiram, bonzo principal de Canafáma, no Bungo, convertido pelo P. Francisco, do que, movidos, abraçaram a fé mais de quinhentas pessoas, e a de outros dois de Meáco, que indo em 1555 a Fucheo ouvir os missionarios, se converteram n'um sermão que o P. Balthasar Gago fazia n'uma praça, recebendo depois ambos das mãos d'elle o baptismo, e n'este os nomes de Paulo um, que foi depois grande imitador do apostolo S. Paulo, e de Bernabé o outro. Além d'estas foi notavel tambem a conversão de Quenxu, pagão muito sabio, a

quem o profundo estudo da natureza levára a conhecer um pouco o auctor do universo. Foi esta a mais estrondosa conquista do P. Villela. O exemplo d'este sabio foi logo imitado por quinze bonzos dos principaes, que tambem pediram o baptismo.

Mas venhamos já á conversão de varios principes do Japão, porque essa deu maior impulso á christianisação d'este paiz. Em 1557 abraçou a fé um principe de Firando, a quem baptisou o P. Gago, dando-lhe o nome de Antonio. Isto augmentou as conversões n'este reino, que teve a gloria de dar em 1558 o primeiro martyr ao Japão na pessoa de uma escrava que seu amo, fanatico seguidor da idolatria, degolou por suas proprias mãos, vendo que, contra a sua prohibição expressa, ia todos os dias adorar uma cruz, collocada perto da sua morada.

Em 1563, Sunritanda, principe de Omura, instruido na verdade do christianismo pela leitura de um livro do P. Villela, recebeu do P. Torres o baptismo, em que tomou o nome de Bartholomeu. E tão fervoroso christão foi este bom principe, que logo ao seguinte dia despedaçou os idolos de um pagode. Trazia uma cruz no peito, e não contente com ser já christão elle mesmo, fez-se cathechista de seus e de sua mulher, com feliz resultado, e aconselhou o P. Villela á conversão da cidade de Nangasátu, porto distante da China seis legoas, para que podesse servir de refugio aos missionarios em lances de perseguição. Em 1565 converteu-se e baptisou-se o rei de Gotto, com o nome de Luiz, e introduziu a fé nos seus estados. Em 1570 teve a consolação de ver convertida a sua familia, que recebeu o baptismo das mãos do P. Francisco Cabral, vice-provincial que succedêra ao P. Torres, segundo fundador da christandade do Japão, o qual, depois de ter baptisado por sua mão trinta mil japões, e edificado cincoenta egrejas, morreu a 2 de outubro d'aquella era, em edade de sessenta e quatro annos, na cidade de Xequi, que o P. Villela e Miguel Vaz tinham em 1567 convertido á lei do Senhor. Em 1573 o mesmo principe chamou a Omura os PP. Gaspar Coelho e Belchior de Figueiredo para o ajudarem a converter os seus subditos.

Em 1575 o segundo filho do rei de Bungo recebeu do P. Cabral o baptismo com o nome de Sebastião. Consequencia d'esta conversão foi a do rei de Arima, a quem o P. Almeida, que o instruíra, deu o nome de André com o baptismo a 8 de abril de 1576. A esta seguiu-se a de seus subditos, dos quaes, em menos de um anno, havia mais de vinte mil christãos, cathechizados pelo P. Almeida, Cabral, Affonso Gonçalves e Antonio Lopes. A morte de André, acontecida em 1577, foi porém uma calamidade para os novos christãos d'este reino, porque seu filho proscreveu logo os missionarios, destruiu as egrejas e abateu as cruzes.

El-rei de Bungo, que desde a edade de dezeseis annos tratára com portuguezes e recebêra d'elles, especialmente de Jorge de Faria e Diogo Vaz, as primeiras luzes do christianismo, depois de ter luctado comsigo mesmo por espaço de trinta e tres annos, em 1578 mandou declarar ao P. Cabral, que empregára todo esse tempo em se instruir na falsidade das seitas do Japão, e tinha resolvido abraçar o christianismo. Tinha então quarenta e nove annos, e havia vinte e sete que o santo Xavier, de quem fôra amigo, se separára d'elle muito desconsolado da sua resistencia ao toque da divina graça. Recebeu o baptismo a 28 de agosto, dia de santo Agostinho, das mãos do P. Cabral, na egreja dos Jesuitas de Usuqui; e em honra do santo apostolo quiz chamar-se Francisco. E foi elle desde aquelle dia tão fervoroso na fé quanto fôra tardo em abraçal-a, sendo o que mais parte teve na expedição da embaixada que vamos descrever.

A noticia d'esta conversão foi a primeira que feriu os ouvidos do P. Valiguani, que no seguinte anno entrou no Japão mandado pelo P. Claudio Acquaviva, geral dos jesuitas, como visitador, para o informar sobre o estado das casas e missões que a ordem alli tinha. O P. Charlevoix, na sua obra sobre o Japão, refere que o padre visitador era muito sabio e conhecedor dos homens para deixar de fazer justiça áquelle troço de obreiros evangelicos, entre os quaes não havia um só que não fosse recommendavel por seus grandes serviços e virtudes. Na carta que então escreveu ao seu geral para lhe dar conta do estado em que achou a missão, não receou dizer-lhe, que de cincoenta e nove religiosos que a compunham, entre os quaes havia vinte e tres sacerdotes, não víra um só que não fosse digno de ter contribuido para formar a melhor christandade que [illegible] houve depois dos apostolos: mas que succumbiam ao peso do trabalho, havendo um que tinha baptisado em dois annos setenta mil pessoas, e que esta falta de operarios lhe mostrára a necessidade de estabelecer seminario e noviciado, e julgava ser tempo de pedir á santa sé a erecção de um bispado, não podendo já a egreja do Japão passar sem pastor que a governasse, e formasse um collegio indigena, para as necessidades da missão e consolidação d'aquella christandade.

Deu o P. Valiguani o ultimo impulso á conversão do novo rei de Arima, que na quaresma de 1580 se baptisou e recebeu o nome de Protasio. E tal o fervor d'este principe, que em poucos dias destruiu mais de quarenta pagodes, e edificou egrejas nas cidades de Cochinotzu, Aria, Arima, e até em algumas aldeias. Por este tempo converteu-se tambem o rei de Omio, a quem Nobunanga despojára de seus estados. Fundou mais o P. Valiguani outro seminario em Anzuquiama, e deu nova fórma aos de Fucheo e Arima.

(Continúa)

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

(Vid. pag. 238)

No mesmo dia 14 convocou a rainha Schomberg e Saint-Romain para lhes fazer ver os termos do tratado assignado na vespera. Notaram elles que nós poderes do marquez de Liche se não fallava de renuncia de direitos do rei de Hespanha sobre Portugal; que o rei de Inglaterra era nomeado serenissimo, e o de Portugal sem epitheto; e que os poderes do conde de Sandwich não lhe davam especial auctorisação para assegurar a garantia do rei de Inglaterra, que apenas promettia em termos geraes haver por bem o que o dito conde fizesse e tratasse em seu nome. Ficava Ceuta em poder dos hespanhoes e a todos os exilados de Portugal se abriam as portas da patria, sem excepção, obrigando-se o governo portuguez a restituir-lhes os bens confiscados. De tudo isto queria o agente francez derivar a esperança da instabilidade de similhante paz, da nullidade do tratado, e da fraqueza de Portugal.

Por muitas vezes tinha a rainha provocado, mas sem exito, o mesmo enviado para que lhe propozesse meios de suavisar Luiz xiv. Em fim, na tarde do dia 15 saiu-se ella com a idéa de um tratado secreto, em que, pelas disposições em que o principe estava, concederia tudo que d'elle dependesse para a saída das tropas francezas, deixando, como já dissemos, passar com ellas cavallos, e tambem officiaes e soldados portuguezes; promettendo não entrar em alliança ou liga contra a França, antes dar-lhe occultamente algum soccorro de homens e dinheiro, se Saint-Romain, pela sua parte, promettesse que el-rei de França, logo que

celebrasse pazes com Hespanha, comprehenderia n'ellas Portugal.

A resposta de Saint-Romain a tal proposta foi n'estes termos:

— Fôra melhor que os portuguezes tivessem reconsiderado a tempo a vaidade da sua paz particular, e conhecessem a verdadeira necessidade que tem da protecção e garantia da França, para sua segurança, tanto na paz como na guerra. Mal podéra imaginar el-rei meu amo que receberia d'aqui tal ingratidão e infidelidade, principalmente depois das protestações e penhores de que o abbade Vérjus foi portador. Após tal golpe, não tenho ordens nem poderes para coisa alguma. Mas quando podesse fazer o que V. M. me propõe, o seu proprio interesse m'o impediria, e eu teria o cuidado de não tratar primeiro de assegurar os negocios de Portugal, deixando os de V. M., como até agora se tem feito, ao acaso do futuro e á discrição e mercê dos portuguezes. Não duvido que a consideração dos interesses de V. M. possa muito sobre o espirito del-rei christianissimo, e seja só por si capaz de moderar e reter algum tempo o justo resentimento de meu amo. Vejo mesmo que os portuguezes já tinham contado com isso, para nos faltarem com mais ousadia. Mas V. M. deve aproveitar esta vantagem para o seu estabelecimento; mostrar aos portuguezes que póde remir a sua falta, salval-os, e fazer-lhes esperar o que agora me propõe, logo que se faça o seu casamento, e V. M. seja rainha no paço, e por isso obrigada a conservar Portugal. Fôra difficil, antes d'esse tempo, depositar a menor confiança nas palavras d'este governo.

Por mais que a rainha estivesse empenhada no que o principe desejava, reconheceu logo que era do seu interesse proceder como lhe aconselhava o abbade, chegando a dizer, na alegria que este alvitre lhe causou:

— Então até se póde levar o principe a prometter que romperá a paz com Hespanha!

De pouca consideração seria, entretanto, tal promessa, quando mesmo o casamento da rainha estivesse já seguro e proximo: quanto mais podendo ter ainda contradicção e demora, mesmo pelo lado do duque de Cadaval, sob pretexto de falta de dispensa.

(Continúa) José de Torres.

TYPOS E TRAJOS NACIONAES

É questão antiga entre os moralistas politicos, se a conservação dos trajos de cada povo concorre ou não para se manterem as nacionalidades, e até os bons costumes, por ser a unica barreira contra os caprichos da moda e os dispendios do luxo.

Não queremos agora entrar em similhante debate, mas é certo que os povos mais ciosos da sua independencia, e os que temem a communicação dos que se tem por mais civilisados, são inabalaveis na conservação dos seus trajos nacionaes. Quasi todos os povos orientaes tem esta preoccupação; e ainda hoje pelo trajar conhecemos logo o judeu, o turco, o chim, o japonez e outros taes.

Entre nós, quando se deixou de usar rabicho e calça entre a bota, muitos disseram que já não havia portuguezes, que se acabavam os *pés de boi*, designação que se dava ás pessoas honradas, e que os peraltas substituiram pelo nome burlesco de *jarretas*.

Na Europa ha tambem muitos povos aferrados ao seu trajar primitivo, e a Hespanha é uma das nações onde subsistem muitos trajos da mais remota antiguidade. Em Portugal, e sobre tudo nas povoações ruraes da provincia do Minho, conserva-se o mesmo apêgo ao trajar antigo.

Prescindindo da questão de nacionalidade, que a muitos parecerá futil, é innegavel que a distincção dos povos pelos seus trajos deleita pela variedade e poesia de muitos d'elles. A uniformidade e monotonia repugna tanto á natureza como ao homem. A multiplicidade das linguas que no mundo se fallam o está patenteando. O adagio: «Cada povo com seu uso, e cada roca com seu fuso», o comprova.

É ainda hoje mui diverso o trajar nas nossas differentes provincias, e até o da gente dos suburbios da capital, porque o typo *saloio* tem resistido ás modas de Lisboa.

Por occasião das festas do real consorcio affluiram á capital proximo de cem mil pessoas das provincias, graças aos caminhos de ferro e ás novas estradas e diligencias, que vão successivamente pondo em movimento as nossas inertes povoações. Nunca se tinha visto em Lisboa tanta variedade de typos e trajos provincianos. Foi então que o nosso excellente desenhador, o sr. Nogueira da Silva, copiou para o album que tem já enriquecido nas suas digressões pelo reino, alguns d'esses typos, quatro dos quaes damos hoje em pequenas gravuras.

Não os estampâmos com o intuito de ridiculisar essa boa gente provinciana, como se costuma fazer nos jornaes burlescos, e se usa nos theatros para supprir a veia comica dos auctores. Não. É unicamente para archivarmos esses typos com os seus trajos locaes, antes que de todo se apaguem com os usos do nosso viver antigo.

A primeira gravura desenha tres ribatejanos, com os seus fatos domingueiros. Figuremos que sejam marido, mulher, e um feitor. Elles de calção e meia, cinta de côr, sapato de fivella e o seu inseparavel cajado. O amo conserva a sua jaleca vestida, por decencia, talvez porque já foi auctoridade da sua freguezia; o feitor tral-a ao hombro como homem de trabalho. O patrão tem chapeo desabado, o feitor vem de barrete campino. Ambos trazem collarinho alto, sem lenço, para se lhes verem os botões, que costumam ser de oiro ou prata.

A mulher é uma verdadeira reverendaça, ainda de roupinhas e sáia de outra fazenda, com lenço de seda na cabeça, caindo sobre o pente em fórma de capuz. A luz do gaz, que viu pela primeira vez em tanta profusão, no Terreiro do Paço, fere-lhe a já cançada vista, como se fôra o sol do meio dia.

Todos tres estão de boca aberta, o que aconteceu a quasi todos os que viram as maravilhosas illuminações de gaz, que pela primeira vez se fizeram agora em Lisboa.

A segunda gravura representa a familia de um pequeno lavrador da Beira. O marido veste sobrecasaca séria, quasi até aos pés, tão antiga como o chapeo; em quanto lhe durarem não compra outros, porque para elle não resa a folhinha da moda. Para escorar o peso dos annos, traz o seu bordão de marmeleiro, porque ainda entende que a bengala de castão é só para os medicos e abbades.

Sua mulher já usa de sáia de molas, mas o vestido é sobre o curto, para se não romper nem varrer as ruas, como acontece ás damas janotas cá da cidade. O chale é vistoso, e de capellista puro. O chapeo é d'estes derreados que se usaram ha dez annos, mas que ella tem posto tão poucas vezes que parece do trinque.

A filha, com ser já casadoira, veste como se fôra ainda menina da mestra. O pae só lhe comprou para a festa um chapelinho de palha americano, dos que já se não usam, ultimo *alcaide* que havia na loja, mas que na terra da menina ha de fazer inveja ás outras. Para se não perder entre tanta gente, vae-se agarrando ao chaile da mãe, que está toda enlevada na assombrosa illuminação da praça do Commercio.

A terceira estampa figura, de um lado duas rapa-

rigas das que em tanto numero trabalham hoje nas fabricas de tecidos e fiação d'esta cidade. Muitas ainda usam de capote, mas quasi todas para o trabalho vão de chale e lenço na cabeça, conforme estão desenhadas, e andaram aos ranchos, vendo as luminarias quando saíam das fabricas. Este é o typo modesto das operarias que aos milhares ganham hoje um mesquinho salario nas fabricas de lanificios, tecidos, fiação, e na do tabaco, andando algumas duas e tres legoas por dia, de suas casas para as fabricas. N'este trabalho se empregam hoje muitos braços femininos, d'antes desaproveitados para a industria.

Do outro lado desenha-se um velho official de officio, d'estes que ainda choram pela casa dos vinte e quatro, a que elle pertenceu. Póde ser sapateiro de escada, surrador ou coisa similhante. Mas está vestido

ADMIRADORES DAS ILLUMINAÇÕES DE LISBOA



Typos Ribatejanos



Familia de um pequeno lavrador da Beira



Operarias das fabricas de Lisboa. — Um *artista* de capote



Lisboetas no requinte da moda

com o melhor que tem, e á moda dos antigos gremios embandeirados. O capote de cabeção, que tanto distinguia d'antes o homem de officio, com ser hoje raro, ainda apparece nos hombros d'alguns operarios velhos, nos dias de passeio. Um d'elles é o que a estampa representa, copia do natural.

O capote de mulher e de homem, trajo tão nacional, está quasi banido em Lisboa, mas ainda nas freguezias ruraes do termo, nenhum homem vae a casamento ou baptisado sem o seu capote.

A ultima gravura representa tres lisboetas no requinte da moda franceza. Vêde se qualquer d'elles não é mais ridiculo que os typos provincianos.

Um casquilho, ou como hoje se diz, um janota de bigodes encerados, terminando em ponta de fio de sapateiro, com um chapeo descommunal, dá o braço a uma elegante, de amplissimo balão, com chapeo de aba de telha, que, não obstantante a sua elevação, mal póde abranger a grimpa de flores e ruges que lhe assenta na testa, similhando a altura dos penteados que deram thema á bem conhecida satyra de Nicolau Tolentino. A terceira figura é a de um janota inglezado, especie de manequim para sérios estudos plasticos. Julgando este pateta que se vestia pelo figurino de Londres, inventou uma caricatura!

Por aqui verão os pacificos e sobrios provincianos, que quando o lapis quer satyrisar, melhores typos encontra nas grandes cidades que nas humildes aldeias.

Se exceptuarmos as physionomias que o nosso risonho desenhador exaggerou por desenfado, todos estes typos foram tirados do vivo.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio